

Ministra Zélia: dia cheio de preocupações com dívida externa, inflação e com as críticas dos empresários à política monetária que eleva os juros

País fará nova proposta a bancos

Ministra diz que quer acordo realista e nega congelamento de preços

JOSÉ PAULO KUPFER E
PEDRO CAFARDO

A ministra de Economia, Zélia Cardoso de Mello, informou ontem que o governo brasileiro vai fazer uma contraproposta aos bancos credores da dívida externa. A nova sugestão tomará por base o documento apresentado pelos banqueiros ao negociador da dívida, Jório Dauster, que inclui o pedido de um pagamento imediato de um terço dos juros atrasados, ou US\$ 2,5 bilhões.

Em entrevista ao *Estado*, Zélia disse que a proposta do Comitê de Bancos será analisada a partir de hoje, com a volta de Jório Dauster ao País. A equipe econômica vai fazer algumas reuniões hoje e amanhã e provavelmente terça-feira Dauster já estará novamente em Nova York para levar a posição brasileira.

A proposta inicial brasileira, totalmente rejeitada pelos bancos, não previa nenhum pagamento de juros atrasados. Incluía os US\$ 8 bilhões no total da dívida a ser renegociada. Zélia disse que a posição brasileira é realista e parte do princípio de que o País quer fechar um acordo que possa ser cumprido. "Se eu quisesse apenas uma come-

moração internacional era muito fácil", disse ela. "Bastava pagar US\$ 1,5 bilhão dos atrasados e fechar um acordo qualquer." Segundo a ministra, os banqueiros não queriam mais do que um entendimento para resolver seus problemas de curto prazo e deixar para depois a resolução definitiva do problema da dívida. Com isso, acrescentou, em menos de seis meses "a credibilidade do Brasil estaria de novo lá embaixo".

A ministra da Economia gastou

parte de seu tempo na manhã de ontem para analisar a questão da dívida externa. Outra parte utilizou para discutir o problema da inflação. O presidente da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe), André Franco Montoro Filho, esteve no gabinete da ministra, em São Paulo, para levar os dados finais sobre a variação do custo de vida em outubro, que superou 15% (ver abaixo).

"Temos de conviver com essas taxas por mais algum tempo", afir-

mou a ministra depois que Montoro Filho deixou o gabinete. E repetiu uma frase que lhe foi dita pelo economista — "Não é nível da febre que determina o estado geral do doente" —, para explicar que as atuais taxas de inflação não determinam, necessariamente, que o estado geral da economia seja ruim. Para a ministra, a elevação da inflação se deu por três razões: o choque do petróleo, que exigiu aumento dos preços dos combustíveis, o choque agrícola decorrente da quebra da safra e os excessivos gastos dos Estados, principalmente em função da campanha eleitoral.

Zélia negou que a equipe econômica esteja estudando um congelamento de preços, boato que circulou intensamente ontem depois do aumento médio de quase 30% nos preços dos combustíveis e da energia elétrica. A ministra rebateu também as críticas feitas pelo empresário Antônio Ermirio de Moraes, em entrevista ao jornal *O Globo* de ontem. Disse não concordar com a afirmação de que existe um quadro alarmante de desorganização produtiva devido à ciranda financeira. Segundo Zélia, não há hoje uma ciranda financeira, termo utilizado para caracterizar uma situação em que o governo era o único grande tomador de dinheiro. "Hoje quem toma os recursos são os empresários e não o governo", afirmou a ministra.

□ Leia também entrevista do secretário João Maia na página 3